



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A CRISE DA CULTURA MODERNA: A POBREZA DA EXPERIÊNCIA DO JOVEM NO CONTEXTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

Gregorio Galvão de Albuquerque*
(UESB)

RESUMO

A abordagem histórica da palavra "cultura" desafia o reducionismo cultural de grande parte do pensamento contemporâneo, ressaltando o seu uso por mecanismos hegemônicos, como o estabelecimento do Estado moderno. A indústria cultural utiliza dos jovens o seu aumento de poder de compra, além da facilidade de adaptação frente ao uso das novas tecnologias que apareciam. Então como libertar os jovens pobres de experiência por uma cultura industrial? Certamente, a resposta contemporânea não deve apenas se agarrar na perspectiva idealista e sim um vieses questionador, transformador e revolucionário da reflexão e da produção cultural.

PALAVRAS-CHAVES: Cultura. Experiência. Industria Cultural.

INTRODUÇÃO

"Cultura", segundo Eagleton (2005), é uma das palavras mais complexas da língua inglesa sendo considerada, em algumas situações, o oposto da palavra "natureza", mesmo que sendo seu derivado etimologicamente. "Cultura" tem sua origem na natureza e é proveniente do trabalho, agricultura, colheita e cultivo.

*Professor-pesquisador do Núcleo de Tecnologias Educacionais em Saúde (NUTED) da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Professor da disciplina de Audiovisual do ensino médio da EPSJV. Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo como título da dissertação: A construção do conhecimento pela fotografia: uma experiência criativa com alunos de ensino médio. Possui Especialização em Educação Profissional em Saúde (EPSJV) e graduação em Curso de Arquivologia pela Universidade Federal Fluminense (2008). Componente do projeto CINEAD (Cinema para aprender e desaprender) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Se a palavra cultura guarda em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, ela também codifica várias questões filosóficas fundamentais. Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudanças e identidade, o dado e o criado. (EAGLETON, 2005, p.11)

A abordagem histórica da origem da palavra "cultura" realizada por Eagleton (2005) desafia o reducionismo cultural de grande parte do pensamento contemporâneo, ressaltando o seu uso por mecanismos hegemônicos, como o estabelecimento do Estado moderno, que molda os sujeitos humanos às necessidades de um novo tipo de sociedade politicamente organizada.

E, uma vez que a produção cultural tenha se tornado parte da produção de mercadorias em geral, fica mais difícil do que nunca dizer onde termina o reino da necessidade e começa o reino da liberdade. Na verdade, como a cultura no sentido mais restrito tem sido comumente usada para legitimar o poder - isto é, usada como ideologia -, isso, de algum modo sempre foi assim (EGLETON, 2005, p. 58)

Na sua relação com o poder, a cultura assume o domínio da subjetividade social, usada como forma de manter o poder político para além do meio de simples coerção da sociedade. Um governo precisa ter credibilidade ideológica para tornar-se menos vulnerável em tempos de crise havendo uma internalização da lei na própria subjetividade humana e em toda a aparente liberdade e privacidade.

Para o governar com sucesso, portanto, precisa compreender os homens e mulheres no que diz respeito a seus desejos e aversões secretos, não apenas seus hábitos eleitorais ou aspirações sociais. Se pretende regulá-los a partir de dentro, precisa imaginá-los a partir de dentro. E nenhuma forma cognitiva é mais apta em mapear as



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

complexidades do coração do que a cultura artística.
(EGLEATON, 2005, p.76)

A crise contemporânea da idéia de cultura transformou a palavra "cultura" em uma afirmação de uma identidade específica nacional, sexual, étnica e regional ao invés da transcendência desta.

É perigoso afirmar que a idéia de cultura está em crise hoje em dia, pois quando é que ela não esteve? Cultura e crise andam de mãos dadas como Gordo e o Magro. Mesmo assim, esse conceito passou lentamente por uma mudança importante, que Hartman formula como o conflito entre culturas e uma cultura, ou, se preferir, entre Cultura e cultura. (EGLEATON, 2005, p.60).

2. As transformações da cultura do jovem

O diagnóstico realizado por Benjamin (1994) sobre a crise da cultura moderna e o progresso científico, industrial e técnico posterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), demonstra a contradição da linearidade do progresso racional da história que corresponde a guerras, à destruição e à pobreza da experiência humana. Uma sociedade que atende às necessidades dos estímulos instantâneos do presente, dominado pela mercadoria e submetido à repetição, disfarçada em novidade.

Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

experiência do corpo pela forme, a experiência moral pelos governos. (BENJAMIN, 1994, p.115).

Benjamin (1994) afirma que os indivíduos que sofreram o impacto da Primeira Guerra Mundial perderam a capacidade de narrar suas experiências. Seus relatos de guerra eram de uma realidade demasiadamente pesada e pobre de se narrar em relação a grandes narrativas transmitidas ao logo da história de geração a geração.

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1994, p. 225)

A pobreza desta experiência deve-se ao desenvolvimento da técnica sobre o homem. Para o autor, “uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (BENJAMIN, 1994,p. 115).

Porém a pobreza da experiência impulsiona o individuo a criar o novo, a tirar proveito deste ambiente de quase inexperiência.

Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa. (BENJAMIN, 1994, p. 116)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O autor realiza a crítica sobre a linearidade da escrita da história baseada nos vencedores, e defende uma escrita a contrapelo, isto é, a partir do ponto de vista dos vencidos. Distinto do investigador historicista que estabelece uma relação de empatia com os vencedores, que se tornam herdeiros da história, caminhando no cortejo triunfal sobre os “corpos prostrados no chão, [...] o que chamamos de bens culturais”(BENJAMIN, 1994, p.225).

O novo paraíso seria uma sociedade sem classes, mas não se remetendo aquelas da pré-história, mas a verdadeira história na remoção de todas as vítimas sem exceção. Segundo Horkheimer (apud LÖWY, 2005, p.99), “a transformação radical da sociedade, o fim da exploração não são uma aceleração do progresso, mas um salto para fora do progresso”. A luta de Benjamin tem como objetivo final de produzir o verdadeiro estado de exceção, ou seja, uma sociedade sem classes.

A partir da década de 70 do século XX, as transformações ocorridas na base material da sociedade capitalista denominadas de "Terceira Revolução Industrial", "Revolução da informática", "Revolução microeletrônica" ou "Revolução da automação", segundo Saviani (2002), promovem não apenas a transferência das funções manuais para as máquinas, ocorrida na Primeira Revolução Industrial, como também as funções intelectuais.

Do mesmo modo que, com a Primeira Revolução Industrial, desapareceram as funções manuais particulares próprias do artesanato, dando origem ao trabalhador em geral, agora também as funções intelectuais específicas tendem a desaparecer, provocando a necessidade de elevação do patamar de qualificação geral. (SAVIANI, 2002, p.148)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Segundo o autor, as tecnologias acenam para a possibilidade de ampliação do tempo livre, libertando o trabalhador de todo trabalho manual e colocando-os no limiar do reino da liberdade. O processo de produção se automatiza; em outras palavras, se torna autônomo, auto-regulável, liberando o homem para a esfera do não-trabalho. Generaliza-se, assim, o direito ao lazer, o tempo livre, atingindo-se o “reino da liberdade”. (SAVIANI, 2002, p.148). No entanto as tecnologias permitiram maximizar a exploração deste trabalhador, ajustando-o ao ritmo acelerado das máquinas.

Assim como as máquinas mecânicas, também as máquinas eletrônicas são introduzidas no processo produtivo sob a forma de propriedade privada dos capitalistas. Nesta condição, cumprem o papel de aumentar as taxas de acumulação às custas da exploração da força de trabalho, aumentando igualmente os índices de miséria e exclusão. (SAVIANI, 2002, p.150)

A atual fase do progresso tecnológico, segundo Manacorda (2010), aproxima-se da união entre ciência e o trabalho porém este processo é contraditório na medida das determinações técnicas, culturais e sociais a serem supridas com o aumento de nível tecnológico exigido ao moderno produtor.

Apoiada na cibernética e na automação, exige cada vez menos operários e cada vez mais técnicos e pesquisadores de alto nível; exige, ao mesmo tempo, conhecimentos específicos para cada uma das estruturas - disciplinas, aparelhamentos - e capacidade de integrar mais estruturas ou de dominar as relações que as unem. (MANACORDA, 2010, p. 138)

Diante deste contexto social e histórico, os jovens passam a ser um dos maiores alvos do consumo destas imagens. A indústria cultural



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

percebeu que os jovens começaram a aumentar o seu poder de compra, além da facilidade de adaptação frente ao uso das novas tecnologias que apareciam, levando vantagem sobre as pessoas de grupos etários mais conservadores.

Para Hobsbanw (2008), foi a partir da década de 60 que a imagem da cultura do jovem americano se difundiu através da televisão, dos discos de música e depois fita cassete, principalmente de músicas estilo rock⁵²⁸ e das viagens de turismo para jovens, contribuindo para disseminar o modo de consumo de mercadorias entre os jovens. “A sociedade do espetáculo agora, não promete mais nada. Já não diz: ‘O que aparece é bom, o que é bom aparece.’ Diz apenas: ‘É assim’.” (DEBORD, 1997,p.161)

Guy Debord (1997) desenvolveu a expressão "sociedade do espetáculo" para caracterizar o tipo de cultura da mídia que estava se desenvolvendo em meados do século XX e que já se mostrava na forma hegemônica.

E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser ... Ele considera que a *ilusão* é sagrada, e a *verdade* profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade descreve e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, o *cúmulo da ilusão* fica sendo o *cúmulo do sagrado*. (FEUERBACH, Prefácio à segunda edição de A Essência do Cristianismo, *apud* DEBORD, 1997, p. 13, grifo do autor.)

Para o autor, a raiz do espetáculo "está no terreno da economia que se tornou abundante, e daí vêm os frutos que tendem afinal a dominar o mercado espetacular." (DEBORD, 1997, p.11), ou seja, o “ser” pré-moderno passou ao “ter” capitalista, típico da modernidade, para chegar ao “parecer” do espetáculo.

O ponto central da sua teoria é a caracterização da alienação como consequência do modo capitalista de organização que assume novas formas e

⁵²⁸ O rock é símbolo de revolução “Sexo, drogas e rock´roll”. As letras em inglês muitas das vezes não são traduzidas fazendo, assim, aumentar a hegemonia da língua norte americana.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

conteúdos e não mais um aspecto somente psicológico individual. "O espetáculo é o capital a um tal grau de acumulação que se torna imagem." (DEBORD, 1997, p.25)

O espetáculo corresponde a uma fabricação concreta da alienação, na perda da unidade do mundo e em uma forma de dominação da burguesia sobre o proletariado. Uma sociedade onde "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens." (DEBORD, 1997, p. 14)

Marx, apesar de não definir sistematicamente seus escritos sobre arte e estética, aponta para uma deformação do trabalho artístico e dos produtores culturais que serão a premissa da indústria cultural⁵²⁹. Um trabalho artístico em que a sua produção cultural está diretamente ligada à produção de capital demonstra uma transformação da arte e da cultura em apenas mercadoria, sem mérito artístico, somente com objetivo político e de manutenção de ideologias.

Milton, que escreveu *Paradise Lost* (Paraíso perdido) por cinco libras, era um trabalhador não-produtivo. Por outro lado, o escritor que produz para seus editores como se fosse uma fábrica é um trabalhador produtivo (...). O proletariado literário de Leipzig que fabricava livros (...) sob a direção de seu editor, é um trabalhador produtivo, pois seu produto é, desde o início, subordinado ao capital e só é criado com a finalidade de aumentar esse capital. Um cantor que vende suas canções por conta própria é um trabalhador improdutivo. Mas o mesmo cantor contratado por um empresário e que canta para ganhar dinheiro para esse empresário, é um trabalhador produtivo, pois produz capital (MARX *apud* BOTTOMORE, 2001, p.139).

A indústria cultural delinea uma cultura baseada na idéia e na prática do consumo de produtos culturais fabricados em série e de que as

⁵²⁹ O termo indústria cultural foi proposto por Adorno e Horkheimer (1947) em "Dialética do Esclarecimento". Anos após, em uma conferência, Adorno explica que o mesmo foi utilizado em substituição a cultura de massas, porque este sugeriria algo que viria das próprias massas, como uma forma contemporânea de arte popular. Para os autores, ao contrário, o termo foi utilizado na intenção de se referirem à produção cultural própria do capitalismo em que se observa uma cultura respaldada no conformismo do sempre idêntico, imposta pelo monopólio do sistema.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

obras de arte funcionam como mercadorias. Por esta lógica, adormece a criatividade, o pensamento crítico, a sensibilidade e a imaginação que deveriam despertar as obras de arte. Daí, os autores falarem na arte sem sonho destinada ao povo.

Para atingir seu objetivo, a indústria cultural promove um processo de padronização de formas estéticas de grande aceitação, dando a elas novas configurações para não correr o risco de exaustão, além de dar ao produto efeitos que o fazem parecer particular e individual: a máquina deve girar sem sair do lugar. Esse artifício é uma das primeiras medidas tomadas quando se visa atingir o êxito num mercado cada vez mais disputado.

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles [os dirigentes] a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114).

A imagem se torna o real, deixando de ser somente o seu recorte, escolhido e produzido intencionalmente por relações sociais capitalistas. A partir da 3ª Revolução Técnico-Científica, o fetichismo pela tecnologia permitira uma maior reprodutibilidade das imagens aumentando, assim,

a denominação da sociedade por 'coisas supra-sensíveis embora sensíveis', se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se fez reconhecer como o sensível por excelência. (DEBORD, 1997, p. 28)

Os jovens passam a ser um dos maiores alvos do consumo destas imagens. As décadas de 50 e 60 expressavam uma autonomia da juventude (HOBBSAWM, 2008). Grandes figuras, como Janis Joplin, Bob Marley, Jimi Hendrix, morreram



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

jovens e representavam como a juventude tinha uma capacidade de questionar sua realidade e principalmente ter uma característica de desejo de mudança.

Este reconhecimento de um adolescente consciente, preparado para o mundo adulto começou a ser admirado cada vez mais pela indústria que se formava, criando mecanismos para transformar este jovem questionador em um provável consumidor. Um consumidor de ideal romântico, herói revolucionário construído em diversos filmes cinematográficos. A indústria de bens de consumo percebeu que os jovens começaram a aumentar o seu poder de compra, além da facilidade de adaptação frente ao uso das novas tecnologias que apareciam, levando vantagem sobre as pessoas de grupos etários mais conservadores.

Assim, a imagem do herói jovem, revolucionário, questionador do sistema, referenciado nas grandes figuras das décadas de 50 e 60, transforma-se na imagem do jovem americano com calça *blue jeans*. O objetivo era transmitir uma imagem jovial para quem usasse aquilo, diferenciando o jovem dos seus pais, e proporcionando uma imagem de um indivíduo “avançado no seu tempo”. Ou seja, a imagem cultural do jovem começa a ser igual a da hegemonia cultural dos EUA. Para atingir a grande massa de jovens, os EUA utilizaram também a indústria cinematográfica.

CONCLUSÕES

Como libertar os jovens pobres de experiência por uma cultura industrial? Certamente, a reposta contemporânea não deve apenas se agarrar na perspectiva idealista de Platão, tampouco não está respaldada no uso de uma fórmula pronta. Mas, ela merece ser histórica e dialética. E assim sendo, o primeiro passo é reconhecer a natureza dessa cultura, ou seja, o seu papel deformador ou semiformador, parafraseando Adorno no texto “Teoria da Semicultura”. O segundo é lançar um olhar crítico para elas. É romper com a naturalização, o que pode ser



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

feito quando se reconhece a necessidade de incorporar a discussão da cultura no âmbito da escola. E um terceiro passo, possivelmente, é fazer surgir o novo, é criar.

É preciso que o pensamento crítico considere o mundo visível, das aparências, os próprios simulacros da sociedade do espetáculo. Mas não para neles se deter, aceitando sua lógica de produção e reprodução, como algo inevitável ou pior, criador de liberdade. Uma vez mais é preciso criticar a passagem, de todo idealista, que transforma a necessidade em virtude, as carências e restrições em um mundo plural e aberto. Mas é para trabalhar um elaboração de um outro tipo, uma imaginação crítica e construtiva, capaz de relacionar esse mundo dos simulacros de massa, da própria sociedade do espetáculo, e os níveis mais elaborados de percepção e conhecimento de nossa época. Um outro tipo de imaginação, pode mesmo ser, que aponte para alguma coisa diferente do que existe e se vai reproduzindo. Não como imagens que matam a própria imaginação, à custa de uma exaustiva e monótona repetição, para lembrar aqui Gaston Bachelard. Que fazer? Talvez começando por duas frases, simples e direta: *Sim, eu me lembro. Não eu não me esquece.* (BUENO, 2003, p. 36).

Os vieses questionador, transformador e revolucionário da reflexão e da produção cultural podem possibilitar uma nova forma de ler do mundo, reinterpretá-lo e agir sobre ele, propondo uma nova forma de se pensar a realidade contemporânea. A crítica da cultura se faz necessária para uma formação humana plena, capaz de pensar saídas criativas e imaginativas através da sensibilidade que se colocam como sujeitos ativos na construção de seu mundo.

Em uma sociedade onde a influência imagética atua em quase todas as esferas do cotidiano, é preciso questionar as condições em que os jovens podem construir seu próprio olhar, bem como as condições em que a juventude seria apenas reprodutora ideológica da imagem espetacular. Pensar e propor um lugar de crítica, discussão e produção de imagens na escola, tendo como pressuposto a construção do próprio olhar do aluno, garantido um processo de formação marcado pela autonomia e emancipação social.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, M. *Industria Cultural*. In. __. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985, p.99-138.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7^o ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Trad. Walternsir Durtra. Organização brasileira, revisão técnica e pesquisa bibliográfica suplementar, Antônio Moreira Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BUENO, André. **A educação pela imagem & outras miragens**. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, n.1, 2003.
- DEBORD, Guy. **A sociedade de espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- HOBBSAWM, Eric. *Revolução Cultural*. In. __. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914 - 1991**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.314-337.
- LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: um aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, et all. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MANACORDA, Mario Alighiero. *Escola e sociedade: o conteúdo do ensino*. In.: __. **Marx e a Pedagogia Moderna**. 2^aed. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira. Campinas, SP: Editora Alínea, 2010. p. 101-122.
- SAVIANI, Dermeval. **O choque teórico da politecnia**. In. Trabalho, Educação e Saúde. v.1, n.1 (2002). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. p.131-152.